



Pela instrução pública: preocupações e iniciativas educacionais

dos anarquistas e socialistas na

Primeira República em Porto Alegre

Eduardo da Silva Soares
Gláucia Vieira Ramos Konrad

Resumo: O presente artigo debate sobre as teorias e práticas educacionais anarquistas e socialistas porto-alegrenses do início do século XX. Deste modo, investigaram-se as iniciativas de criação de alternativas ao modelo vigente, tais como a fundação de Escolas e Gabinetes de Leitura. Como fontes de pesquisa utilizou-se os jornais confeccionados pelos militantes das ideologias supramencionadas, a leitura de um documento relativo à Conferência da Sociedade Pró-Ensino Racionalista através de uma abordagem comparativa destas produções com a bibliografia historiográfica da temática.

Palavras-chave: Movimento operário. Educação libertária. Educação socialista.

Abstract: This paper discusses on the educational theories and Porto Alegre anarchist and socialist practices in the early twentieth century. Thus, investigates the creation of alternative initiatives to the present model, such as the foundation of Schools and Reading offices. As source is used newspapers made by the militants of the above ideologies, reading a Conference document relating to the Pro- Education Rationalist Society through a comparative approach to these productions with the historiographical literature of the subject.

Keywords: Labor movement. Libertarian education. Socialist education.

Introdução

Este artigo visou estudar as teorias e práticas educacionais dos socialistas e libertários no Rio Grande do Sul durante a Primeira República, em Porto Alegre. Esta



delimitação se dá objetivando perceber a existência de alguns empreendimentos educacionais protagonizados pelos militantes destas ideologias.

Os anos deste estudo foram focados entre 1905 e 1918. No ano inicial deste recorte, se deu o lançamento do jornal *A Democracia* (socialista). Já em 1906 surgiu *A Luta* (anarquista). E a última fonte teve em 1918 a sua publicação, que foi uma produção a partir de uma conferência realizada na *Escola Moderna* de Porto Alegre. Acreditou-se que apesar do grande espaço temporal, tornou-se possível perceber quais as práticas metodológicas e debates realizados pela militância porto-alegrense.

Porto Alegre passou por várias transformações no início do século XX. As indústrias e fábricas desenvolveram-se conjuntamente com o cenário urbano. Na cidade, inúmeros imigrantes ocupavam as fileiras de trabalhadores no período (PETERSEN, 2001) (PETERSEN, 2004). Cabe salientar que destes trabalhadores, muitos foram contestadores desde os seus países de origem. E apesar de organizarem muitas associações, Loner (2007) apontou que foram poucos os trabalhadores que participaram do movimento operário organizado.

Esta consideração não pretendeu afirmar que foram apenas os imigrantes os fundadores do movimento operário sul-rio-grandense. Na verdade, as origens do movimento se deram ainda no século XIX. Seja com as Associações Benéficas ou com as Mutualistas (LONER, 1999). E mesmo com os sindicatos, momento conjunto a intensificação das migrações, os trabalhadores nacionais ocuparam as lideranças e a organização dos processos destas instituições. É também no período que surgiram os bairros operários, como por exemplo, o bairro Navegantes.

Com tudo isso, o modo de produção no Brasil estava em transformação. Este sistema de produção seguia a lógica taylorista, na qual cada operário se constituía em uma peça da grande máquina, ou melhor, na própria fábrica (PESAVENTO, 1992). O trabalho exaustivo englobava a todos os pobres da cidade, o que não excluía nem mulheres e crianças (PESAVENTO, 1988). O discurso do progresso exigia, em nível prático, que todos colaborassem com ele. Porém, a divisão das riquezas geradas por este empreendimento não era dividida entre todos em parcelas iguais.



Assim, em muitos momentos os trabalhadores denunciaram a exploração por parte do patronato. E os principais jornais para publicarem os seus anseios foram *A Democracia* e *A Luta*. Nestes periódicos existiram textos ideológicos contrastando com outros que narravam a situação do operariado. Em sua maioria, eram notas que relatavam a condição de trabalho e de moradia. Além disso, demonstravam a diferenciação dos mais variados atores sociais. Outra preocupação se dava através das diversas formas de corromper o trabalhador utilizado pelos patrões. Por exemplo, foi publicado um episódio onde os redatores do *A Luta* encontraram crianças no horário do almoço ingerindo álcool. No caso, os próprios patrões mandavam dar a bebida para que eles superassem o calor do interior da fábrica (A LUTA, 19 de julho de 1908, p. 2).

Existiram, também, casos de perseguição étnica e pela condição de militante dos sujeitos. Esta situação foi posta em pauta na greve de 1906, momento o qual havia o medo pelo desemprego entre os operários grevistas. Porém, para se defenderem contra os patrões, os operários desenvolveram uma rede de solidariedade internacional. E esta arma acabou se demonstrando uma excelente ferramenta de luta contra os opressores.

Sobre o internacionalismo é interessante salientar que a iniciativa de divulgar uma língua de comunicação internacional entre os militantes foi difundida pelos libertários de Porto Alegre¹. E outra ponderação existente é a da educação. Os libertários acreditavam que a instrução formaria o caráter do sujeito. Deste modo, quem dirigiria o modelo proposto poderia projetar o que almejava para os estudantes, norteando-os, assim, conforme a ideologia que seguiam.

Enfim, não foram poucas as iniciativas culturais destes militantes. Elas foram válidas em todas as instâncias, pois ambas as ideologias defenderam uma revolução completa da sociedade, e isto incluiu os seus hábitos e costumes culturais. Neste sentido, se os socialistas acreditavam no reformismo para ascenderem a sua revolução, os anarquistas investiriam na ação direta.

¹ Neste exemplo, destacou-se a presença do idioma *Esperanto* entre as edições do jornal *A Luta*.



É importante salientar a diferença dos métodos destas ideologias. Já que os socialistas confiavam no fortalecimento do Estado, para depois conquistá-lo e excluí-lo gradativamente. Enquanto que os libertários defendiam a sua abolição imediata. Para os anarquistas, quem estava no governo exercendo o poder tenderia a se corromper e praticar a política em benefício próprio, ou de seu grupo. Enquanto que os socialistas creditavam esperança na filiação partidária e nas vitórias eleitorais, pois segundo eles, quando a maioria do governo fosse de origem proletária, as políticas naturalmente beneficiariam a todos, ao contrário da oligarquia vigente.

Desta diferença surgiu outra, que pode ser apresentada como uma pergunta, afinal, de quem é a responsabilidade pela educação das crianças? Deve-se considerar que a questão da educação era percebida como um projeto. Deste modo, os socialistas que não rejeitavam o Estado, defendiam que a educação deveria ser gratuita e ampliada como direito para todos. Já os libertários, afirmavam que as Escolas necessitavam ser organizadas pelos próprios militantes.

Além dos debates sobre a Escola ideal, existia a preocupação em formar e fomentar os *Gabinetes de Leitura* como lugar de encontro entre o operariado. Neste local, o trabalhador teria acesso a várias obras que os instruiriam na ideologia, na ciência, e entre outras áreas do conhecimento. Em Porto Alegre, tanto os anarquistas quanto os socialistas instalaram dependências com esta finalidade.

Se o governo do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) não se fez presente nas áreas mais carentes, e principalmente entre o proletariado, foram os militantes destas ideologias que “lembraram” a existência e necessidade dos excluídos (SILVA, 2010). Estas experiências foram transformadas em pautas de lutas. As quais serão apresentadas em alguns exemplos ao longo do artigo.

Por fim, por ser uma pesquisa inicial no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, muitas lacunas não estão preenchidas. Outras se tornam especulações. Entre as lacunas e especulações, ficou a preocupação em estudar os métodos e teorias destes militantes, já que hoje existem transformações na prática escolar com o Ensino Politécnico. E esta metodologia foi debatida entre os pensadores da



educação de ambas as ideologias, tornando fundamental compreender na história as mudanças e adequações das propostas e a sua transformação ao longo dos anos.

Contexto histórico e social

Algumas referências são primordiais para a compreensão da realidade social vivenciada por estes militantes. Logo, Benito Schmidt (2002) expôs a biografia de duas lideranças socialistas porto-alegrenses, Carlos Cavaco e Francisco Xavier da Costa. Ambos protagonizaram uma série de eventos que movimentou o operariado local. A importância de perceber a organização operária através de seus líderes e de suas sociedades classistas, é que se tornaria possível identificar melhor os momentos de conflitos e solidariedades existentes entre este operariado.

A relação do indivíduo Francisco Xavier da Costa com o movimento operário organizado em Porto Alegre foi tão importante, que Schmidt (2002, p. 85) pontuou que “a partir da última década do século XIX”, a sua trajetória “confunde-se com o processo de organização da nascente classe operária sul-rio-grandense”. E ao longo dos últimos anos do oitocentos à primeira década dos novecentos, Xavier da Costa produziu muitos textos para alguns jornais locais.

Entretanto, Xavier da Costa e Cavaco tinham que disputar espaço com os anarquistas. E ao que tange as sociedades operárias, foi possível evidenciar que a sua postura frente à sociedade estava completamente vinculada aos posicionamentos das suas lideranças. Elas orientavam o grêmio, associação e sindicatos. E em nome destas sociedades publicavam artigos nos jornais ligados a estas instituições ou não.

Como um todo foram difundidos conceitos ligados a críticas ao clero, “denúncias dos abusos dos patrões e a defesa dos direitos dos operários” (SCHMIDT, 2002, p. 92). O jornal socialista de maior destaque foi o *A Democracia*, no qual foram transmitidas ideias que potencializaram o “processo de construção identitária” (SCHMIDT, 2002, p. 92). Com a preocupação em identificar os valores e significados da identidade operária porto-



alegrense, Isabel Bilhão (2005) percebeu o alto nível moral contido nas produções anarquistas e socialistas de Porto Alegre.

A luta contra o alcoolismo e a reivindicação por um espaço de trabalho mais justo contrastava com a defesa da organização sindical dos operários. Neste artigo, compactuou-se com a utilização conceitual de Bilhão para classificar os anarquistas e socialistas. Para ela, as referências aos “socialistas” ou aos “anarquistas” estarei tratando de militantes que postulavam versões difusas das duas linhas teórico-ideológicas” (p. 29). Porém, apesar de tratarem em muitos momentos de assuntos próximos, existia o acirramento da rivalidade na medida em que a disputa pela liderança do movimento operário era posta em contestação pelos libertários.

Foi em 1906 que estourou a primeira grande greve na cidade. E neste momento os ataques aos socialistas por parte dos anarquistas criariam um distanciamento entre eles desconhecido até então na cidade. As rivalidades marcaram os adeptos destas ideologias. As trocas de acusações² preenchiam as páginas dos seus jornais e acirravam as relações entre os dois grupos. O ponto máximo das disputas foi o andamento de um processo movido por Xavier da Costa contra o anarquista Henrique Martins (BILHÃO, 1999).

Tanto anarquistas quanto socialistas lutavam pela hegemonia do movimento operário, porém, enfrentavam um inimigo mais organizado e muito poderoso, ou seja, o

²Benito Schmidt (2000, p. 1-2) mapeou as principais publicações de acusações e ofensas divulgadas nos jornais *A Democracia* e *A Luta*, e foram elas lançadas nas edições “de 14/02/1907 a 15/04/1907, através dos seguintes artigos: *A DEMOCRACIA*, 14/02/1907: “Vária” (p. 3); *A LUTA*, 22/02/1907: “Um conhecido” (pp. 2-3) e “Os farsantes” (p. 3); *A DEMOCRACIA*, 28/02/1907: “Pelo dever” (p. 1), “Os dinamitistas” (pp. 1-2), “Prova cabal” (p. 2), “Mais uma dos Muckers” (pp. 2-3), “Vária” (p. 3) e “Os dois gênios diretores da propaganda anarquista em Porto Alegre” (p. 4); *A LUTA*, 02/03/1907: “A fúria do bonzo” (p. 3), “A F. Xavier da Costa” (pp. 3-4), “O xefe” (p. 4) e “Ao Xavier da Costa” (p. 4); *A DEMOCRACIA*, 10/03/1907: “Quem é e como procede o anarquista Adão Pesce” (p. 2), “Uma carta” (p. 2) e “O Yago e os demais da latrinaria A Luta” (p. 4); *ALUTA*, 15/03/1907: “Uma explicação” (p. 2), “De tudo e de todos - operário fitzmack” (pp. 2-3), “Variações do bonzo” (p. 4) e “Hipócrita e mentiroso” (p. 4); *ADEMOCRACIA*, 17/03/1907: “Crônica” (p. 2), “À sessão da União dos Trabalhadores em Madeira” (p. 3) e “Pelo dever – A propaganda dos anarquistas em P. Alegre (III)” (p. 4); *ADEMOCRACIA*, 24/03/1907: “Ameaças de anarquista” (p. 3) e “Ainda o hebreu J. R. Gil - o Yago” (p. 4); *A DEMOCRACIA*, 31/03/1907: “O anarquismo” (pp. 1-2); *A LUTA*, 03/04/1907: “Uma explicação” (p. 2), “Mais uma do Costa” (p. 3) e “O bonzo socialista” (p. 4); *A DEMOCRACIA*, 07/04/1907: “O Yago J. R. Gil” (p. 4) e *A LUTA*, 15/04/1907: “A propósito do neo-malthusianismo” (p. 1), “Respostas ao bonzo” (p. 2) e “Infâmias do bonzo” (p. 4). De agora em diante, estes artigos serão indicados por seu título no corpo do texto. Para facilitar a compreensão, as citações documentais tiveram sua grafia atualizada”.



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS

patronato. Assim, estes trabalhadores organizados publicavam denúncias em relação aos meios de dominação na fábrica realizada pelos burgueses. Neste sentido, Sandra Pesavento (1988) identificou alguns destes mecanismos de dominação. E destacaram-se aqui, a criação e manutenção de escolas para os filhos dos operários, localizadas dentro das fábricas, gerenciadas com as multas impostas e arrecadadas dos trabalhadores foi um uma forma de manter o controle disciplinar no trabalhador e “gerar” novos operários para o trabalho fabril.

O operariado se concentrou em bairros que ficavam afastados do centro. No caso porto-alegrense, foram os bairros São João e Navegantes que receberam e foram construídos pelos trabalhadores da cidade. Com isso, algumas fábricas se instalaram próximos a residências dos operários, e a *Companhia Fabril Porto-Alegrense* foi uma delas. Na verdade, “a fábrica se acha em Navegantes” (CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO ESTADUAL DE 1901, p. 166) e ela mantinha uma escola que era mantida com o dinheiro das multas (A LUTA, 15 de dezembro de 1906, p. 2) cobradas por mau comportamento dos seus funcionários.

Aqui foi possível verificar a existência de escolas que estavam ligadas à fábrica. Com esta situação, não era possível ter liberdade de ensino por parte dos professores, já que estes estavam relacionados ao proprietário da fábrica. Desta maneira, os anarquistas e socialistas tinham que enfrentar os patrões desde as demandas econômicas até as culturais.

A formação da identidade operária envolveu a cultura de classes e de associação. Este enunciado parte do pressuposto de que existiram escolas e sociedades operárias lideradas pelos próprios trabalhadores. E apesar da diversidade de diretrizes para elas, tiveram em várias delas o caráter de contestação e preparação para um “futuro diferente”. As intencionalidades presentes nos discursos das lideranças forjavam a identidade de classe, e era a conscientização do operariado que minava a luta de classes em Porto Alegre.

Neste sentido, não foi possível estudar o movimento operário como algo ligado apenas ao recorte espacial aqui tratado. As lideranças e os jornais levavam os informes de diversas localidades do Rio Grande do Sul, país e mundo. Isabel Bilhão (2005) encontrou indícios a respeito de redes entre militantes do Brasil e Portugal, como também a



existência de tradutores de textos ainda não publicados em português. Deste modo, compreendendo que houve trocas de ideias e textos, foi possível perceber a disputa em torno do idioma a ser utilizado nas reuniões e nos jornais da classe. Os anarquistas defenderam a utilização da língua portuguesa, pois eles se encontravam em um país que o falava. Já os socialistas chegaram a publicar um manifesto para o 1º de Maio de 1907 bilíngue, em alemão e português. E apesar de publicarem a maioria dos textos em português, existiram alguns momentos em que os socialistas utilizaram o idioma alemão no jornal *A Democracia*.

Até aqui ficou perceptível que os militantes se preocuparam em criar alternativas ao modelo proposto pelos burgueses e pelo Estado. Tenta-se, então, a partir de uma tratativa pedagógica, recortar a cultura difundida por estas sociedades e lideranças do movimento operário porto-alegrense. Cultura aqui foi utilizada para dar conta da produção impressa e das iniciativas educacionais, sendo excluído outros pontos, tais como as lembranças do 1º de Maio. Esta escolha se dá pelo objetivo do artigo e pela limitação da própria produção.

No Brasil, no período aqui exposto, existiram vários investimentos no âmbito educacional por parte dos anarquistas. A lógica utilizada não era apenas a de instruir, ou ainda, preparar para o trabalho. Os operários organizados politizaram as relações sociais (TOLEDO, 2007, p. 55), utilizando-se muitas vezes de recursos que se inspiravam nos da classe dominante, cita-se como exemplo o teatro (FACCIO, 1991). Mas para cada apresentação era dada as características peculiares a classe. Logo, este estudo não se preocupou apenas com os acontecimentos, mas também com as intencionalidades contidas nas práticas e ideias propagadas por estes anarquistas e socialistas.

Contestações e formações: o universo socialista e anarquista

Inicia-se apontando que os principais jornais utilizados se encontram no Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e no Arquivo Histórico Moysés Velinho. E que a partir deles surgiram inúmeras possibilidades de



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISÍNOS

estudo. Entre elas, aponta-se a negação da religião por ambas as ideologias. Por exemplo, no jornal *A Democracia* constou:

A Religião, segundo dizem os padres (cada um a respeito da sua, bem entendida), foi revelada pelo próprio Deus, aos seus Ministros, para guiar os homens e consolá-los na vida. Na realidade, as religiões são a causa única da conservação da iniquidade capitalista e fundaram e perpetuam a desigualdade que esmaga os povos (*A DEMOCRACIA*, 7 de julho de 1907, p. 3).

E complementaram afirmando que “[...] no fundo, o seu fim é cegar os povos com respeito às causas das desigualdades sociais, ensinando-lhes a *resignação* e glorificando o ascetismo e a renúncia às alegrias terrestres.”³ (*A DEMOCRACIA*, 7 de julho de 1907, p. 3) As críticas do jornal *A Luta* foram parecidas, já que os libertários questionavam a existência e a honestidade do governo e dos “representantes do povo”, deste pressuposto, destacavam:

Ora, os governos necessitam essencialmente da corrupção vilipendiosa do povo, para, assim á vontade, dar cargas ás mais desprezíveis arbitrariedades.

Daí a vergonhosa aliança do mando atrabiliário com a religião – esta eterna depressora do caráter do povo. (*A LUTA*, 23 de novembro de 1907, p. 3)

Deste modo, percebeu-se a existência de um discurso anticlerical e antirreligioso entre os socialistas e anarquistas gaúchos. A religião era identificada como a principal arma utilizada pelos burgueses para corromper a moral dos trabalhadores. Exemplos diversos sobre o anticlericalismo eram ainda publicados em poesias e prosas (LEAL, 1999). No teatro estas contestações foram ilustradas através da crítica a justificação para o sistema vigente (FACCIO, 1991) propagada pelos padres. Com a ampliação do debate sobre a melhor utilização destes recursos entre os trabalhadores, a questão se tornava em como ilustrar o perigo ideológico e moral que a religião representava para a luta de classes. E é a partir da contestação destes militantes que ocorria o principal embate contra a religião.

Outras preocupações substanciais para a compreensão das iniciativas educacionais socialistas e libertárias foram: o ensino misto; o racionalismo e o cientificismo. A ação dos

³ Grifo no original.



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISÍNOS

libertários não se limitava a teoria. Por exemplo, em Porto Alegre os anarquistas fundaram em 1906 a Escola Elizeu Réclus. E na chamada imprensa no seu jornal constava:

Por iniciativa de moços estudiosos foi, com esta determinação, fundado um grupo de estudos livres baseados no mesmo princípio das modernas universidades populares, onde podem os trabalhadores encontrar fácil meio de adquirir conhecimentos, que lhes são vedados em vista das condições econômicas em que a maioria se encontra.

Este grupo que não obedece a regulamentos nem a presidentes ou autoritárias diretorias, vão se mantendo na melhor harmonia possível – o que aliás vem demonstrar mais uma vez que não é com o excesso de autoridade que se mantém a ordem entre os indivíduos, quando estes se associam com interesses recíprocos, sem o intuito de sacrificar outrem, mas sim com a supressão dessa mesma autoridade (A LUTA, 13 de setembro de 1906, p. 1).

Sendo o “meio” e o “fim”, a liberdade era o cerne central da ideologia anarquista, e foi na escola que os libertários colocaram as suas teorias em prática. Entre as matérias que a Escola Elizeu Réclus lecionava, constam: *Primeiras letras; Português e Aritmética; Desenho* (A LUTA, 1 de julho de 1910, p. 3). E contava com *Palestra* aos domingos, as quais são de responsabilidade dos próprios estudantes e educadores da escola. Nestas palestras os alunos e professores expressariam ao público o que tinham aprendido e realizado na Escola.

A finalidade da Escola foi bem definida, e convidavam a sociedade para conhecê-la: “o Grêmio Instrutivo Elizeu Réclus, que tem por fim a instrução e educação proletária, comunica aos operários desta capital que acham-se funcionando as suas aulas a rua Conceição n. 22.” (A LUTA, 1 de julho de 1910, p. 3). E contava ainda com um *Gabinete de Leitura* aberto a todos.

Anexo á Escola Elizeu Réclus, acha-se instalado o Gabinete de Leitura da *Luta*, onde o proletariado encontrará, além de grande numero de livros de propaganda operaria, todos os jornais que permutam conosco e que são em grande numero. O local, que é na rua Conceição n. 22, acha-se aberto todos os dias das 6 ás 10 horas da noite (A LUTA, 1 de julho de 1910, p. 2).

Do *Gabinete de Leitura*, destacavam-se 185 obras, entre livros, jornais e panfletos. Delas, existiam publicações anarquistas, positivistas, socialistas, científicas e anticlericais. O objetivo central do *Gabinete* era o de instruir os operários e seus filhos. Com



isso, aquele espaço tirava-os do que as lideranças lhes apontavam como ignorância, afastando-os do ensino ligado ao Estado ou à religião.

Já os socialistas cobravam do Estado a gestão, organização e construção de Escolas. Mas eles não se limitaram a esperar pelo governo, e colaboraram na constituição de um *Gabinete de Leitura* próprio. Neste sentido, promoveram campanhas e denúncias em relação a educação pública do período. Uma destas campanhas se chamou “*Pela Instrução Pública*”, e nela houve a denúncia de que “o governo acaba de suprimir a aula mista que havia na praça do Menino Deus, ficando somente uma do sexo feminino.” (A DEMOCRACIA, 13 de julho de 1907, p.1). E concluem:

Era só o que faltava.

Não fornece às aulas do que necessitam, obrigando, dessa maneira, aos pais dos alunos a comprar os livros, e ainda, quando lhe parece, suprime aulas como essa de que falamos acima, ficando dessa forma, naquela zona, sem aula inúmeras crianças de sexo masculino... (A DEMOCRACIA, 13 de julho de 1907, p. 1)

Além de pressionarem o governo para a construção de Escolas, os socialistas mantiveram-se atentos aos problemas nas existentes. Criticaram os métodos e as diretrizes que as Escolas mantinham. Enfim, eles sugeriam e participavam da construção da “*Instrução popular*”, uma ideia que visava instruir a todos para construir um novo perfil de sociedade. Já sobre as deficiências do ensino público promovido pelo Estado, algumas iam de encontro aos professores, citaram os socialistas:

As aulas publicas são mal organizadas e bem poucas são as providas por professores que aliam á competência intelectual a *aptidão para ensinar*. Em alguma chega, ás vezes, o desleixo ao ponto de faltar o material indispensável para o seu regular funcionamento... Em outras o facto dos alunos não se instruírem devidamente, não demonstrarem aproveitamento apreciável em relação ao tempo que permanecem nelas deixa patente quanto é reduzido o interesse dos respectivos professores no concernente ao exato cumprimento dos deveres de quem faz profissão do magistério. (A DEMOCRACIA, 2 de julho de 1907, p. 1).

Percebeu-se a preocupação do ensino de qualidade que os socialistas cobravam do Estado. Estes militantes almejavam gerenciá-lo e enquanto isso não ocorresse se esforçavam para realizar pequenas reformas dentro do próprio sistema. E alterar e melhorar as estruturas educacionais fazia parte deste processo. Porém, apesar dos esforços, não foi



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISÍNOS

possível destacar a criação de uma escola própria que tenha funcionado efetivamente durante o período.

Uma iniciativa surgida no ano de 1906 foi a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS)⁴. Ela era uma representação dos trabalhadores e colaborava para os embates contra os patrões e o governo. E na história da diretoria da entidade, participaram socialistas e anarquistas. As preocupações com a “elevação cultural” dos operários foi uma constante em suas diretrizes. Por exemplo, alguns engajamentos por parte da FORGS foram apresentadas por Petersen (2001):

Outros instrumentos de “elevação cultural” que a FORGS utilizou foram a fundação, em 1914, do Centro de Estudos Sociais e do Grupo Dramático Cultural Social, que encenou, entre outros, o drama *Famintos*, de Santos Barboza e a comédia *Amores em Cristo*, de Zenon de Almeida. Assim, nas comemorações do 1º de Maio de 1914, apresentou os filmes *Os miseráveis* e *O Operário e A Fábica*. A Lira Oriental, fundada em 1909, abrihantava suas festividades, com apresentações musicais sob a regência de Crescêncio Rosa, sendo destacadas suas interpretações do *Hino da Federação Operária* e do hino *Filhos do Povo*. (PETERSEN, 2001, p. 295)

Sabendo que a partir de 1911 a FORGS estava sob influência dos anarquistas, ficou perceptível que os maiores investimentos em eventos culturais se realizaram durante a gestão deles. Isso demonstrou que os libertários acreditavam que a “elevação cultural” era a arma em potencial que melhor poderiam aproveitar no momento, já que a partir dos seus eventos conseguiriam reunir os trabalhadores e as suas famílias em no mesmo ambiente. E com isso teriam a possibilidade de instruí-los conforme as orientações ideológicas que pregavam.

Enfim, com esta citação foi possível identificar algumas preocupações pela instrução e educação em geral. Assim como também que elas não se limitavam apenas as Escolas ou escrita. Desta forma, palestras, reuniões, piqueniques e demais eventos eram repletos de intenções pedagógicas. E a educação era um tema amplamente discutido pelos militantes operários. Pois, tanto os anarquistas quanto os socialistas, acreditavam que

⁴Fundada sob influência hegemônica dos socialistas, a FORGS foi principal órgão de representação dos trabalhadores gaúchos na Primeira República. E apesar das iniciativas por ela prestadas sob comando de Xavier da Costa, ocorreu no ano de 1911 à mudança de diretores, os quais tiveram os anarquistas a vantagem de serem eleitos nos principais cargos da *Federação*.



através do conhecimento científico e crítico o proletariado conseguiria ter as condições para transformar a realidade social.

Já, em 1917 foi realizada uma conferência na Escola Moderna, em Porto Alegre, e o desfecho das discussões ali realizadas resultou em uma publicação em 1918. Neste documento foram divulgadas as diretrizes dadas para uma organização ligada a vários grupos de intelectuais da cidade, inclusive os libertários. Nela constaria uma breve descrição enfatizando que “o ensino deveria ser livre” (FERRER COMO EDUCADOR, 1918, p. 12), ou seja, sem a interferência do Estado e das religiões.

E neste mesmo documento, dividiram-no em partes para demonstrar a forma adequada de ensino: 1) na fase da infância, a vida deveria ser natural, no campo, rodeado pela natureza, com os cuidados da parte física dos alunos. Nesta fase haveria ginástica e exercícios físicos com brincadeiras e canções. Além das primeiras letras, os números e os princípios de todas as ciências lhes seriam apresentados; 2) a segunda parte cobre o ensino primário e superior. Todas as regras científicas seriam ensinadas nesta fase; 3) na terceira, o aluno trabalharia com a lógica e com a razão, estando apto a discernir todos os ideais. Momento o qual seriam ensinadas as ideias próprias, com direito a debates com os outros alunos. Das discussões resultaria as melhores ideias para serem concretizadas em fins práticos.

E concluíram que “o ser mais espiritual da terra: - o homem -, para continuar digno de si mesmo, deve estar unido a estas três palavras – Amor – Verdade – Evolução!” (FERRER COMO EDUCADOR, 1918, p. 15). Amar poderia ser identificado como a liberdade, ou ainda, a ausência da coação de espécie alguma. A verdade só poderia ser apresentada através da ciência, da racionalidade, da crítica ao mundo social. Os fenômenos da natureza não poderiam ser explicados como procedência divina, e nesta lógica nem as desigualdades sociais eram frutos da vontade dos deuses. A mente evoluída não só perceberia isto, mas também ajudaria a disseminar os seus conhecimentos aos demais.

Com isso, o método utilizado foi discriminado ao longo do texto. Estes educadores utilizaram leituras, aritmética com exercícios práticos, confecção de objetos feitos pelas crianças e visitas aos museus para ensinar os alunos sobre a história. A arte em forma de



desenho era utilizada como ferramenta de observação por excelência (FERRER COMO EDUCADOR, 1918, p. 15). A prática e a teoria não eram desligadas uma da outra. Na verdade, o relatório apontava para estudos de botânica e em oficinas onde os aprendizes observavam e instruíam-se com os profissionais da área. Este método de ensino ficou denominado como *ciência do trabalho*, o qual pregava “que ninguém melhor que o próprio produtor pode proporcionar” (FERRER COMO EDUCADOR, 1918, p. 16).

Esta produção apresentou alguns alicerces da educação anarquista e socialista. Mesmo que em muitos momentos as discussões tenham ficado em nível teórico e distante do prático, em outros existiram escolas organizadas e projetadas pelas lideranças operárias. Assim, a Escola deveria ser percebido como um projeto de futuro, para uma sociedade transformada. Deste modo, ela era um dos meios utilizados para conscientizar o proletariado da sua condição, e mais, deveria ser um braço atuante e transformador na luta de classes.

Conclusão

As conclusões levantadas neste trabalho são parciais, seja porque a pesquisa é inicial, ou ainda por considerar que na ciência histórica os objetos e elementos sempre são passíveis de revisão. Mas considerando os breves levantamentos, pode-se dizer que os socialistas e anarquistas deram ênfase em suas pautas quando o assunto era relacionado à educação.

Os empreendimentos se inspiraram em modelos europeus e até brasileiros de Escolas. E, por haver uma constante troca de textos, ideias e jornais, a construção de um projeto se tornava conhecido em várias localidades que esta rede integrava. Assim, estas trocas significaram o escambo de experiências entre os grupos anarquistas e socialistas. O que foi colocado em prática em Porto Alegre através dos *Gabinetes de Leitura* e escolas libertárias.

Sobre os jornais, destacou-se a importância deste veículo de comunicação. Foram neles que os militantes divulgaram as suas iniciativas e compartilharam com outras localidades



do mundo. Com sentido próprio a cada jornal, foram neles que alguns embates e críticas com o governo e os patrões apareceram aos demais operários. Isso ficou evidenciado quanto as publicações em relação a instrução pública promovida pelo Estado. Quanto a FORGS, ficou evidenciado que a sua mais efetiva produção cultural se deu durante a gestão dos anarquistas, ou seja, após 1911.

Por fim, a educação marcou as pautas desta militância objetivando organizar e construir alternativas ao sistema educacional vigente. Tanto propuseram quanto realizaram no sentido prático alguns experimentos, seja pelos Gabinetes de Leitura ou pela criação de Escolas, como a Escola Elizeu Réclus, por exemplo. Os métodos diferenciavam-se das escolas estatais e religiosas. A respeito disso, foi possível constatar que procuravam conciliar o ensino teórico com a observação e instrução com profissionais de determinadas áreas. Em síntese, o ensino proposto por anarquistas e socialistas almejava construir uma educação que não ensinasse apenas as crianças a trabalharem e reproduzirem o *modus operandi* vigente. A ambição destes projetos educacionais era de conscientizá-las para a luta de classes.

E nos dias atuais, com o debate sobre o ensino politécnico, percebeu-se que as discussões se iniciaram desde meados do século XIX, e no Brasil no mínimo na virada do oitocentos para o novecentos. E mesmo que a esquerda socialista tenha defendido esta maneira de educar, ela foi alvo de críticas desde no interior das correntes que a compõem. Demonstrando assim que não houve unanimidade em qualquer processo. O ensino politécnico foi inspirado nos escritos marxistas. As consequências de tal aplicação em um modo de produção capitalista só serão percebidas no futuro. Mas acredita-se, que conhecer o passado e as iniciativas educacionais da esquerda nos ajuda a compreender a própria memória e a história de nossa educação. E é por este fim que este trabalho é produzido.

Referências Bibliográficas

BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.



BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e Trabalho**: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920). Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - UFRGS, RS, 2005.

_____. **Rivalidades e Solidariedades no Movimento Operário (Porto Alegre 1906 – 1911)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

FACCIO, Luiza. **Libertários no Teatro**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, SP, 1991.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa**: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). Campinas, SP, 1999.

LONER, Beatriz Ana. O movimento operário. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Org.). **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 499- 525.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O cotidiano da república**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

_____. **A burguesia gaúcha**: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“Que a união operária seja a nossa pátria!”**: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. SCHMIDT, Benito. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). In: Luiz Alberto Grijó; Fábio Kühn; Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Eduardo Santos Neumann (Orgs.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 209-240.



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISÍNOS

SCHMIDT, Benito Bisso. **O Patriarca e o Tribuno**: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos Cavaco (1878 – 1961). Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas- Unicamp, Campinas, SP, 2002.

SCHMIDT, Benito Bisso. A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907. *História em Revista*, Pelotal, UFPel, v. 6, p. 59-84, dezembro/2000.

SILVA, NauberGavskida. **Vivendo como classe**: as condições de habitação e alimentação do operariado porto-alegrense entre 1905 e 1932. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Porto Alegre, RS, 2010.

TOLEDO, Edilene Teresinha. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In. FERREIRA, Jorge. REIS FILHO, Daniel Aarão (Orgs.). **As esquerdas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 53-87.

Fontes Primárias

A Democracia Arquivo Histórico de Porto Alegre “Moysés Vellinho”

A Luta Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ferrer como Educador Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Catálogo da Exposição Estadual de 1901**, Porto Alegre: Officina typographica de Gundlach & Becker, 1901.

Artigo recebido em 16 de março de 2015.

Aprovado em 26 de outubro de 2015.